

Gilberto Safra

MOMENTOS MUTATIVOS EM PSICANÁLISE – UMA VISÃO WINNICOTTIANA

São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995

*Resenhado por José Carlos Garcia**

* Psicanalista
e Professor do
Departamento
Formação em
Psicanálise.

O livro de Gilberto Safra se consagra ao ato analítico como forma de descobrimento e renovação da condição humana. Condição esta, que no seu entender é marcada pelo desesperado apelo ao gesto criativo como forma de existir. O homem adoece se não puder encontrar a si mesmo e ao outro através do desenvolvimento de seu potencial criativo. Talvez algo próximo do que escreveu Freud certa vez, sobre o fato de o homem adoecer se não puder amar.

Ao se apresentar a nós como autor, Gilberto nos revela seu percurso teórico e mais que isso, permite que vislumbremos os contornos de seu pensamento clínico na medida em que vai nos falando sobre sua prática no ofício que nos reúne.

Quando escolhe o título de seu trabalho, **Momentos Mutativos em Psicanálise**, Gilberto referencia-o como visão winnicottiana e se assim é, e se posso parodiar Winnicott, não passa de ser pela firme convicção do autor na natureza humana e nos processos de desenvolvimento que levam ao crescimento.

O primeiro capítulo, que tem por título — **Relação Analítica e**

Possibilidade de Emergência dos Momentos Mutativos — esboça num primeiro momento uma visão geral do posicionamento de psicanalistas importantes, a começar por Freud e ainda, Klein, Winnicott e Bion entre outros, sobre o modo de entender o processo analítico, fundamentalmente quanto aos fenômenos transferenciais e contratransferenciais. Destacando deste campo, por exemplo, a conceituação winnicottiana do “espaço potencial” definido como a superposição da realidade psíquica do paciente com a do analista, onde se cria um campo propiciador para a simbolização das experiências afetivas do paciente.

Gilberto assinala que a criação do espaço potencial, segundo Winnicott, depende da instalação no *setting* da possibilidade de um encontro lúdico onde se abra o espaço criativo. A impossibilidade de brincar é para o paciente reflexo de seu sofrimento e seu alívio se dará pelo resgate ou desenvolvimento da condição lúdica. Que possa também, o analista, desfrutar desta liberdade ao ouvir seu paciente, ao formular a interpretação e ao manejar o enquadre como forma de criar recursos para a expressão do mundo interno do paciente. Se aí o analista fracassa, nas palavras do autor, é porque a capacidade de brincar exige flexibilidade do analista, que só pode ser conseguida mediante a elaboração de suas angústias em sua análise pessoal, pela identificação com os objetos que lhe prestaram cuidado ao longo dos anos e pelo contato com os aspectos primitivos de seu psiquismo.

Seguindo cada momento de exposição conceitual, Gilberto vai nos apresentando sua vivência clínica como ponto de ancoragem e exemplificação do que quer partilhar conosco.

No segundo capítulo, passamos a entrar em contato com os aspectos mais originais do pensamento do autor, quando trata de **Regressão e Aparecimento dos Momentos Mutativos**. Gilberto faz um rastreamento do conceito de regressão e assinala que alguns analistas, principalmente Ferenczi viam na regressão um grande instrumento a serviço da ação terapêutica. Para Winnicott o trabalho com a regressão ganha destaque principalmente quando se exploram aspectos da vida emocional do sujeito, que na verdade não puderam ser desenvolvidos por haver faltado, num dado momento de seu desenvolvimento primitivo, o concurso de um objeto capaz de cumprir funções ao progresso do sujeito.

Durante o processo analítico é possível ao paciente, num momento de regressão, viver através do vínculo transferencial com um *analista*

suficientemente bom, uma experiência reparadora que lhe permita um contato com seu verdadeiro *self*. A esse momento, que por sua intensidade decisiva pode mudar radicalmente a vida do paciente, enquanto propicie que sua necessidade psíquica seja simbolicamente atendida por um objeto capaz de exercer a função em questão, Gilberto os denomina **momentos mutativos**.

O aprofundamento da compreensão das questões que envolvem o encontro com o objeto e o **momento mutativo**, é discutido no terceiro capítulo. Aí mais uma vez, é nos ensinamentos de Winnicott que o autor encontra sua fonte de inspiração quanto à compreensão dos aspectos essenciais da relação de objeto: “o bebê desenvolve uma vaga expectativa cuja origem é uma necessidade. A mãe buscando adaptar-se ao bebê apresenta um objeto ou manipulação que satisfaz às necessidades do bebê; dessa forma, o bebê chega a adquirir confiança em sua capacidade para criar objetos e para criar o mundo real e desenvolver seu eu.” Para afirmar sua convicção de princípios, Gilberto declara que não acredita que possa haver função ou estrutura que não sejam frutos de uma relação de objeto, portanto originadas e desenvolvidas, ou não, a partir do concurso do outro. Dentre as funções cabíveis a esse outro, destaca a **capacidade de continência, o holding, a manipulação, a função especular, a apresentação de objeto, e a função de interdição**.

Pelo que me é dado apreender do pensamento de Winnicott, acredito que seja através do exercício satisfatório das funções que atendem às necessidades físicas e psíquicas do bebê, que se instala um tipo de vivência, fundamental ao seu desenvolvimento, a qual ele denomina **lição de objeto**. A possibilidade do surgimento no vínculo transferencial de experiências como estas, favoreceria, segundo a compreensão de Gilberto, o aparecimento de **momentos mutativos**.

Para ele é necessário que se faça uma distinção entre **períodos mutativos e momentos mutativos**. Nos primeiros estaria circunscrita uma parte da experiência analítica que se prolonga pela extensão do tempo de muitas sessões nas quais se trabalha com as angústias do paciente, suas defesas e com os fenômenos transferenciais, visando diminuir as resistências e aumentar a confiança do paciente no vínculo com o analista. Os **momentos mutativos** seriam portanto conquistas de uma análise que se

edificou na possibilidade de segurança desenvolvida no vínculo a partir de uma história de **períodos mutativos**.

Resistência, Acting Out e Momentos Mutativos são os tópicos do quarto capítulo. Do ponto de vista clássico, resistência e *acting out* foram conceitos que se desenvolveram no sentido de apontar para situações que se apresentavam como dificultadoras do bom andamento de uma análise. A resistência, símbolo da ocorrência da repressão opera no sentido de manter os efeitos alcançados por aquela. Já o *acting out*, seria a transformação em ato de algo que o sujeito não pode integrar como parte de suas experiências passíveis de elaboração consciente, ou seja, uma forma especial de resistência. Gilberto aponta para a evolução desses conceitos principalmente no que diz respeito a sua utilização como instrumental a serviço da técnica do analista.

Já na obra de Freud, como havia acontecido com o conceito de transferência, que chegou a ser visto somente como outra forma de resistir, para depois passar à condição de instrumento essencial da análise, também no caso do *acting out*, houve evolução, ainda que talvez, com menos vigor. Gilberto percorre o texto freudiano a cata dessa evolução mas, vai encontrá-la de fato transformada na concepção de outros autores. Lagache, por exemplo, diz que a atuação seria uma representação de fantasias ou lembranças inconscientes por meio de atos que deixam transparecer o que ocultam.

Winnicott e Khan fazem abordagens semelhantes, segundo o autor e apontam a necessidade de discriminar a atuação como forma de descarga, de ataque ao aparelho psíquico, do ato que expressa um acontecimento da história psíquica do indivíduo que não pôde alcançar o nível de representação plástica ou verbal. Feita a discriminação, mais uma vez, a sensibilidade do analista pode vir a permitir que o sujeito integre elementos até então mantidos fora de suas vivências representacionais, experimentando aí, um **momento mutativo**.

A quinta e última parte do livro nos remete novamente à intensidade da clínica e seu poder para promover mudanças. Em, **A Interpretação e sua Relação com os Momentos Mutativos**, Gilberto aborda um tema de difícil exposição na medida em que formula uma síntese sobre a compreensão da posição do analista frente ao alcance de sua tarefa, sempre não revelada por mais que repetida,

sempre única e surpreendente.

São apontados por ele alguns princípios que em sua opinião ajudariam o analista a organizar a formulação das interpretações. Em primeiro lugar seria necessário que o analista ao trabalhar a relação do paciente com os objetos internos pudesse discriminar, o que foi resultado de distorções e ataques do paciente, daquilo que resultou de uma falha ambiental. Em segundo lugar faz considerações sobre a importância de que o analista tenha um bom nível de informação teórica sobre as fases evolutivas do ser humano, a fim de que possa reconhecer a que momento regressivo o paciente foi levado e que tipo de necessidade pode estar emergindo na transferência. E consequentemente compreender o significado do desejo compulsivamente repetido e a angústia que possa estar ameaçando ou paralisando o paciente.

Finalmente o terceiro princípio a ser observado e integrado pelo analista teria a ver com a compreensão do *setting* analítico como uma reprodução transferencial do meio ambiente que originou as dificuldades do paciente e que portanto coloca o analista na posição privilegiada, de poder ajudar o paciente a conseguir o resgate simbólico de novos aspectos de sua personalidade.

Para concluir, Gilberto afirma: “é a confiança no processo e no analista que leva o indivíduo a tentar uma outra vez ser compreendido na sua necessidade, e se o analista é capaz de ir em direção a essa necessidade, temos o fenômeno que chamei de **momentos mutativos**.”

Endereço para contato:

José Carlos Garcia

R. João Moura, 647 - 12º andar. Cjto. 121

Cep. 05412-001 - São Paulo - SP.

Fone: (011) 881.7906